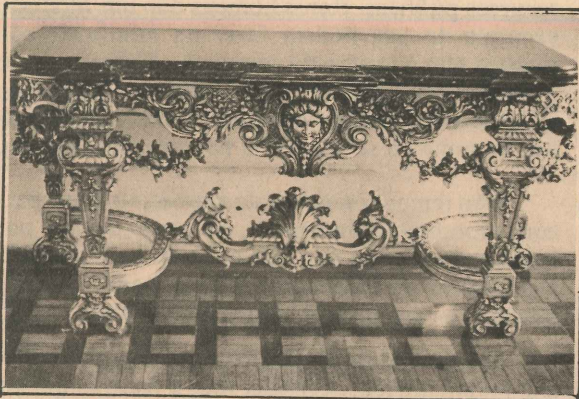


# Quadros, esculturas e mobiliário em exposição no Palácio Anchieta

No início do ano, o Departamento Estadual de Cultura começou a fazer o levantamento do acervo do Palácio Anchieta e selecionou as obras de maior relevância documental. Agora, pedirá ao governador Gerson Camata que providencie o seu tombamento.

AJ 11.525



Console (madeira entalhada dourada) da França



Conjunto ânforas — floreira em porcelana branca de Sévres, França



Solidão (subida antiga do Convento da Penha), de Homero Massena

Genos, em bronze, de Leonardo Lima, esculpido em 1940



O projeto visa a preservação do patrimônio cultural, histórico e, principalmente, documental do Espírito Santo guardado no Palácio Anchieta e acaba de ser concluído pelo Departamento Estadual de Cultura. Hoje, a partir das 15 horas todo o material selecionado, num total de 68 peças (esculturas, quadros, utensílios e mobiliários) estarão expostos ao público na residência oficial do Governador, no Palácio Anchieta, podendo ser visto até o dia 17, de 15 às 17 horas. A abertura oficial será feita às 18 horas pelo governador Gerson Camata.

Foi no início deste ano que a Divisão de Patrimônio Histórico e Cultural do DEC começou a fazer um levantamento de todas as obras de artes existentes no Palácio Anchieta e que, além de serem de importância artística e cultural, poderão servir como excelente fonte de documentação para as gerações futuras.

Entre as pinturas selecionadas, encontram-se quadros de Homero Massena, Levino Fanzeres, Evandro Norbim, Johann Georg Grimm, Theodoro De Bona, Alvaro Conde, Rescála, Wanbach, Shokichi Takaki, Décio Villares, Bustamante Sá, Celina Rodrigues, Anibal Matos, Victorio Gobbis, Paulo Gagarin, Zavoudakis, Aldomário Pinto, Marian Rabelo, Nair Vervloet.

As obras de escultura são de autoria de Guirand, Andrev, Leonardo Lima, CH. Muller, Carlos Crepaz. Entre os utensílios e peças decorativas estarão na exposição um jarrão em porcelana da China; um par de potes, em cristal azul, de Moser; três jarrões em porcelana, do Japão; uma coluna com cachepô em porcelana; um pedestal, em mármore; um vaso em porcelana do Japão; conjunto ânforas — floreira, em porcelana branca, de Sévres, França; um lampião, em opalina/metal e cristal, da França e de autoria de Depoie Brevet; e um tinteiro em alabastro.

Na parte de mobiliários foram selecionados um console (madeira entalhada dourada) da França; uma mesa em madeira entalhada dourada, também da França; uma escrivaninha com cadeira, em madeira entalhada, proveniente da China; um par de console em madeira e um relógio marca Gustav, de Becker, proveniente da Alemanha.

Hoje, durante a solenidade de abertura da exposição, a diretora do DEC, Glecy Coutinho fará ao governador Gerson Camata uma apresentação do trabalho realizado e pedirá que ele providencie, junto ao Conselho Estadual de Cultura, o tombamento das obras selecionadas.

O coordenador do projeto, José Daher, informa que esta é uma nova iniciativa que vem sendo tomada pelo DEC, que visa não apenas a preservação de bens imóveis, mas também bens móveis. Ele acrescenta que este trabalho desenvolvido no Palácio Anchieta é apenas o início de uma série de outros que serão realizados em todas as comunidades, com o apoio das prefeituras locais.

Atualmente, estão sendo mantidos contatos com os responsáveis pela Cúria Metropolitana de Vitória para que seja feito o levantamento das obras de maior valor artístico e documental ali existentes. Em seguida, o DEC vai se contactar com a direção da Assembléia Legislativa. E em terceiro plano, será feito o levantamento das

obras guardadas na Prefeitura de Santa Leopoldina. Ali existem, pelo menos, três quadros que deverão ser preservados: dois de Levino Fanzeres e um de P. Gagarin.

A diretora do DEC diz que tem se preocupado e procurado realizar levantamento desses setores em todo o Estado, mas lamenta porque tem enfrentado muitas dificuldades, pelo limitado número de funcionários de que dispõe (apenas quatro). Ela diz que no momento o DEC está tentando criar uma nova mentalidade entre os setores comunitários "porque a destruição do patrimônio é uma coisa incrível". A cidade, segundo Glecy, a cada dia, vai ficando "sem memória".

Visitando recentemente o distrito de João Neiva, onde viveu até a adolescência, Glecy confessa ter se sentido "como uma marçiana", já que o lugar está irreconhecível. "Lá, hoje, só existe o colégio e o cinema. Destruíram uma igreja, a estação ferroviária e a caixa d'água. Fizeram um clube e um ginásio dentro do jardim e da quadra de esportes do Liceu, onde, além de estudar, a juventude se encontrava para dançar e promover suas festinhas".

Glecy lamenta estes fatos porque, apesar de ser uma das cidades mais antigas do país, "Vitória a cada dia vai perdendo suas características de cidade histórica". E observa, por exemplo, que a cidade alta que reunia muitas obras arquitetônicas, hoje, é formada essencialmente de espigões. "E é pensando nisso que tentamos criar uma consciência nas comunidades e estamos contando com todo o apoio do governador Gerson Camata".

Um quadro de Johann Georg Grimm, de 1886, retratando uma casa de fazenda com engenho, com montanha ao fundo, é, segundo José Daher, provavelmente a obra mais antiga da exposição. Homero Massena, com 17 quadros é o que reúne o maior número de obras, sendo Solidão considerada uma das obras mais importantes do artista. A pintura mostra a subida do Convento (estrada antiga) e dois padres franciscanos.

Uma outra obra das mais destacadas é uma pintura (paisagem) de Levino Fanzeres, doada pelo Comércio de Vitória ao governo Nestor Gomes. Décio Villares também é destaque na exposição com o quadro A República, de 1889. Com esse desenho ele modificou a Bandeira Nacional, retirando o escudo da monarquia e acrescenta o lema Ordem e Progresso, juntamente com a constelação do Cruzeiro do Sul.

Celina Rodrigues também é destaque na exposição, com o quadro Vale do Canaan, que lhe deu o prêmio de menção honrosa no Salão Nacional de Belas Artes. Nair Vervloet, com uma pintura do antigo Cais do Mercado da Vila Rubim e Aldomário Pinto, com um quadro da rua Dionísio Rosendo, também aparecem bem na mostra.

No hall da residência ficarão expostas as peças dos artistas capixabas. No hall do elevador, os artistas brasileiros e estrangeiros. Na sala da lareira, ficarão objetos, utensílios e mobiliários. No salão Dourado e no corredor, ao lado direito, as obras de Homero Massena. E no salão, negro, corredor lado esquerdo, as obras de Levino Fanzeres.